

SERMÃO “TOTA PULCHRA ES”¹Roberto Grosseteste²*Beleza de Maria em sua vida terrena*

Na Bem-aventurada Virgem não houve mácula do Pecado Original em seu nascimento.³ Com efeito, como poderia a Santa Igreja celebrar a sua Natividade se Ela tivesse nascido no pecado? Cremos, portanto, que Ela foi purificada do Pecado Original no ventre materno. Essa purificação pode ter ocorrido de dois modos: ou Ela teve realmente o Pecado Original durante certo tempo, após a infusão da alma racional, mas antes do nascimento do ventre materno foi purificada e santificada por obra do Espírito Santo; ou foi purificada e santificada no mesmo instante da infusão da alma racional. Nesse caso não seria uma purificação de um pecado presente n’Ela durante certo tem-

-
- 1) Texto original latino extraído de: GIEBEN, Servus. Robert Grosseteste and the Immaculate Conception (with the text of the sermon *Tota pulchra es*). *Collectanea Franciscana*, 28, 1958, p. 211-227. Tradução e subtítulos: Diác. Felipe de Azevedo Ramos, EP.
 - 2) Roberto Grosseteste (1168-1253) foi Bispo de Lincoln (1235-1253) e proeminente filósofo e teólogo da primeira metade do século XIII. No plano filosófico desenvolveu a chamada “metafísica da luz” e introduziu a Filosofia Natural de Aristóteles no medievo latino ocidental. Em sua vasta e variada obra figuram comentários e traduções de Aristóteles (especialmente *Analytica posteriora* e *Ethica*, que influenciaram decididamente a filosofia escolástica) e Dionísio Areopagita (através de cuja tradução latina foi introduzido na Escolástica); lógica, filosofia especulativa e teologia pastoral, sermões, poemas, cartas, escritos científicos, além de uma coleção de curtos escritos teológicos denominados *Dicta*. Roberto ensinou no *Studium* franciscano de Oxford entre 1224 e 1235 até a sua nomeação como Bispo de Lincoln. Teve marcada influência entre os franciscanos, como Roger Bacon, São Boaventura e Beato Duns Scotus e entre os filósofos de Oxford do século XIV. Sua Mariologia se encontra sobretudo nos sermões.
 - 3) Embora neste sermão não conste a defesa explícita da Imaculada Conceição (cuja festa já era celebrada na Inglaterra estavelmente desde 1127), mas apenas o nascimento de Maria sem o Pecado Original, há uma forte tradição que atribui a Roberto a defesa desse importante dogma mariano. Entre os autores que mencionam esta defesa feita por Grosseteste, mencionamos: João Vitalis, João de Torquemada, Giles Carlierius, Guilherme de Ware, etc. Além disso, há alguns trechos de outras obras maduras que parecem comprovar a sua defesa da Imaculada Conceição (cf. *Ex rerum inititarum*, vide infra, nota 5). É bem provável que a posição de Grosseteste tenha servido de fundamento (ao menos indiretamente) para ulteriores desenvolvimentos a respeito desta doutrina entre os franciscanos durante o período escolástico, notadamente através de Beato Duns Scotus, insigne defensor da Imaculada Conceição de Maria. (Cf. McEvoy, James J. *Robert Grosseteste*. Oxford: OUP, 2000, p. 11; 57; GARCÍA PAREDES, José Cristo Rey. *Mariología*. Madrid: BAC, 1995, p. 225; GIEBEN, Servus. Op. cit., p. 214-215). De qualquer forma, o presente sermão, embora de grande importância para a história da Imaculada Conceição, é dedicado, sobretudo, a tratar da beleza de Maria em sua vida terrena (*tota pulchra*) cujo auge foi alcançado em sua Assunção, quando é chamada absolutamente bela (*omnino pulchra*), pela contemplação direta da Luz Divina (cf. GIEBEN, Servus. Op. cit., p. 221).

po, mas da possibilidade de pecado que Ela teria se não fosse santificada no momento da infusão da alma racional.⁴

Foi conveniente, portanto, que Ela nascesse sem pecado. Na realidade, existe a comum necessidade dos homens de nascer de uma mãe concebida no pecado. Por outro lado, era necessário que o nascimento de Cristo ocorresse de uma mãe incorrupta e sem pecado. Mas, se de dois sujeitos, num deles existem condições contrárias às do outro, deve existir um intermédio que tenha as condições dos dois, tomadas de um e de outro sujeito. Portanto, entre nascer de uma mãe corrupta e no pecado e nascer de mãe incorrupta e sem pecado, é preciso que haja um meio termo: ou nascer com o pecado de uma mãe incorrupta — o que não pode ocorrer, pois a concupiscência libidinosa, presente na geração e na concepção, é a causa do Pecado Original —; ou nascer sem pecado de uma mãe corrupta. Por isso, a Bem-aventurada Virgem foi, como dito anteriormente, isenta da mancha do pecado em seu nascimento.

Foi também sem a mancha da inclinação ao pecado (*fomes peccati*) depois que concebeu o Filho de Deus.⁵ Assim, n’Ela o gênero humano recuperou

4) Aqui transparece a tradicional doutrina aristotélica que defendia a concepção como anterior à infusão da alma racional. Essa teoria biológica, bastante difundida naquele tempo, acabou influenciando os pontos de vista teológico e filosófico a respeito da Concepção Imaculada de Maria. No fundo, a pergunta seria: Poderia ser assignado o título de “Imaculada” à Mãe de Deus mesmo antes de sua animação (*animatio*)? O problema é que naquele período se admitia que a formação da pessoa humana ocorresse somente após a *conceptio* e a *animatio*. Assim, de qualquer forma, não poderia haver na concepção Pecado Original, pois este só é transmitido na constituição da pessoa (esta era a opinião de Duns Scotto). Por isso, independentemente do momento da animação do corpo de Nossa Senhora, ela estaria isenta do Pecado Original. Com os atuais avanços no campo da medicina e a Bioética, a opinião mais comum entre os teólogos é que a alma é infundida no mesmo momento da concepção. Assim, a constituição da pessoa coincide com a concepção. Ora, se isso fosse conhecido na Idade Média, o caminho para a admissão da doutrina da Imaculada Conceição seria sem dúvida mais desimpedido.

5) Num sermão posterior, o *Ex rerum initiatarum*, Grosseteste reformulou sua teoria a respeito da possibilidade da *fomes peccati* na Mãe de Deus. No trecho abaixo, Roberto deixa transparecer sua posição a favor da Imaculada Conceição e de que Maria era isenta da *fomes peccati* desde o primeiro momento de sua existência no ventre de sua mãe, Sant’Ana: “Et quia per se et maxime decentia non agit nisi quod decentius est: decentius est autem Deum-hominem, tam secundum assumptum hominem quam secundum divinitatem impeccabilem, et mundi peccata auferentem, et inexpertibilem motuum inordinatorum concupiscibilium et corruptibilium, concipi et nasci de muliere inexperta motus carnis concupiscibiles et etiam eorum inexpertibili, et nequaquam umquam inquinata et maculata peccato: virtus autem divina sit per se et maxime decentia: *convenit, quod Dei-hominis conceptionem operetur de virgine et inexperta motus concupiscibiles*, et inordinatos, et eorum inexpertibili, et nequaquam aliquando inquinata peccato. *Decet igitur, ut mater Dei et Hominis sit ab initio suae vivificationis in utero purgata a fomite concupiscientiali et macula peccati*, virgo concipiens, virgo et incorrupta pariens, talis remansura post partum” (grifo do tradutor). É de se notar que, dado o ambiente acadêmico de seu tempo, Roberto foi prudente ao utilizar palavras como “*deceat*” e “*convenit*” (cf. Giesen, op. cit., p. 219). Essa questão continuou a ser objeto de debates até a proclamação do dogma da Imaculada Conceição em 1854, através da Constituição Apostólica *Ineffabilis Deus* de Pio IX. Esse documento defende implicitamente, ademais, a isenção perpétua da *fomes peccati* em Maria.

algo da condição própria do Paraíso, ou seja, o viver sem pecado e sem a inclinação ao pecado, segundo o juízo e a direção da razão. Ela esteve, além disso, na concepção, no parto e depois do parto, sem a mácula proveniente da corrupção da integridade virginal; donde também nisso manteve o estado próprio do Paraíso, porque foi genitora sem a corrupção da mente e da carne, gerando um Filho puro e isento da necessidade de purificação do pecado, porque era justo e sem qualquer pecado.

Foi também isenta da mancha da putrefação da morte. De fato, cremos piamente que Ela foi assunta ao céu também com o seu corpo, pois assim como Deus Pai concedeu ao Filho o não estar submetido à corrupção da putrefação da carne, assim o concedeu também à Bem-aventurada Virgem, de cuja carne foi tomada a carne de Cristo. Foi também sem mácula nos membros do corpo. Dizemos membro, na realidade, não apenas a estrutura e a integridade natural dos membros, mas a sua boa operação; do mesmo modo que chamamos “olho” não somente a própria substância do olho, mas também o ato da visão. Por isso, aquele que olha com concupiscência para uma mulher, recebe uma mancha no olho, porque manchou o próprio ato do olho. De modo semelhante, aquele que abre os ouvidos para ouvir “propósitos sanguinários” (Is 33, 15), recebe uma mácula no ouvido, porque manchou o ato de ouvir; e do mesmo modo se deve entender quanto aos demais membros.

Foi, portanto, a Bem-aventurada Virgem sem mancha nos membros, porque conservou imaculados os atos de seus membros. De fato, desviou seus olhos para que não vissem a vaidade; fechou os ouvidos para que não ouvissem “propósitos sanguinários” (Is 33, 15); pôs uma custódia na boca e vigiou a porta de seus lábios, a fim de que não caíssem em palavras de malícia (cf. Sl 140, 3-4). Custodiou todas as janelas de seus sentidos, a fim de que por elas não entrasse a morte. Por isso está bem expresso em seu louvor que “não há mácula em ti” (Ct 4, 7), pois não tinha nem a mácula do corpo nem a mácula da alma.

Beleza de Maria em sua Assunção

Embora a Virgem gloriosa fosse desse modo sem mancha em sua vida terrena, contudo nesta vida não foi completamente bela, a não ser que se diga que era toda bela no sentido que nela jamais houve qualquer deformidade. Mas, se dizemos que totalmente belo é o que tem em si uma total beleza segundo a sua capacidade receptiva, nesta vida não podia ser toda bela; no entanto, em sua Assunção, sendo assunta com o corpo, tornou-se totalmente bela, porque bela na alma e no corpo.

A alma, pois, consta de duas partes, a saber, a inteligência e a afetividade. A plena beleza da inteligência consiste em possuir, na luz da divindade, a visão simultânea e eterna da luz em si e, na clareza dessa mesma luz, a visão de todas as coisas criadas: passadas, presentes e futuras.⁶ Ora, como a alma por sua natureza deseja o conhecimento de todos os cognoscíveis, se lhe faltasse o conhecimento de uma coisa sequer, já não seria perfeita, ou seja, não bela, ao menos naquela parte em que faltasse o conhecimento do objeto cognoscível.

No que diz respeito à afetividade, a sua plena beleza consiste em amar ordenadamente todas e cada uma das coisas; o que significa dedicar a cada uma delas tanto amor quanto seja conveniente. Portanto, de acordo com as duas partes da alma mencionadas, consta que a Beatíssima Virgem, em sua transmigração desta vida mortal, recebeu uma beleza pleníssima, enquanto Ela contempla, na luz eterna, essa mesma luz e todas as outras coisas limpidissimamente, eternamente e ama suavissimamente todas as coisas na medida em que devem ser amadas.

Mas a medida de amar a Deus consiste em amá-lo acima de toda medida. Na realidade, a medida de amar o próximo e os Anjos estabelece que o amante deva amá-los como a si mesmo e se alegre com seus bens como se lhe fossem próprios. A medida, portanto, de amar as outras criaturas consiste em amar cada uma delas na medida em que o amante aproveita para, a partir delas, conhecer, louvar e amar o Criador.

Por outro lado, se Ela, como piamente cremos, foi assunta ao mesmo tempo com o corpo, não há dúvida que tenha recebido uma beleza física total no corpo e tenha se tornado fulgente como o Sol. E porque a beleza é a harmonia de todas as qualidades existentes naquilo que se diz belo, e a fim de que os movimentos do corpo não sejam discordantes entre si ou segundo a vontade — neste caso a beleza não seria perfeita —, n’Ela, ao esplendor se acrescenta a agilidade, ou seja, a plena obediência de todos os membros do corpo, a fim de que sejam movidos segundo todas as ordens da vontade. Ademais, porque nada é pleno e perfeito quando falta algo ou quando algo lhe possa impedir, foram-lhe outorgados os dons da impassibilidade, a fim de que nada lhe possa faltar, e da sutileza, a fim de que nada possa pôr-lhe resistência.

6) Aqui parece se tratar da ciência beatífica através do *lumen gloriae*. Segundo a doutrina comum dos teólogos, Maria não possuiu esta ciência *habitualmente* durante a vida terrena, mas apenas em alguns momentos culminantes (para uma exposição detalhada dos carismas do Espírito Santo na Mãe de Deus cf. CLÁ DIAS, João Scognamiglio. *Pequeno Ofício da Imaculada Conceição Comentado*. 2. ed. São Paulo: Instituto Lumen Sapientiae, 2011, p. 243; ROSCHINI, Gabriel. *Instruções Marianas*. São Paulo: Paulinas, 1960, p. 189-195).

Dotado, portanto, desses quatro dons, o corpo glorificado da Virgem gloriosíssima tornou-se completamente belo na Assunção. Assim, Ela, como foi dito, toda (*tota*) bela tanto de alma quanto de corpo, tornou-se absolutamente (*omnino*) bela. E foi justo que a Virgem gloriosa fosse glorificada com esses quatro dons antes da ressurreição universal e a comum glorificação dos corpos, porque Se deixou levar, de modo eminente e não comum como os demais, pelas quatro virtudes cardeais, das quais os quatro dons são prêmios.

De fato, a prudência é a luz que indica o que se deve fazer e o que se deve omitir. Por isso, mereceu ser premiada pelo esplendor da luz. Por outro lado, a fortaleza nada cede diante das adversidades, cujo prêmio conveniente é a impassibilidade. A temperança coíbe os prazeres libidinosos da carne, castiga o corpo e o reconduz à servidão (cf. I Cor 9, 27); por isso foi justo ter sido premiada com a agilidade, por meio da qual o corpo obedece aos desejos da alma sem se rebelar. A justiça, por sua parte, dá a cada um o que é seu; penetra, por assim dizer, todas as coisas e “alcança com vigor de um extremo ao outro” (Sb 8, 1); por isso foi convenientemente premiada com a sutileza.

Nessas virtudes, como já foi dito, a Virgem gloriosa teve preeminência. Foi de fato a mais prudente de todas as criaturas humanas, por se propor a conservar humildemente a virgindade, mesmo não tendo nenhum exemplo disso. Creu sem hesitação na promessa do Anjo que Lhe anunciava algo impossível segundo a natureza, cujo privilégio era conceber e dar à luz a Deus, e de se tornar Rainha dos Céus e de ser exaltada sobre o coro dos Anjos. Foi a mais prudente de todos, quando seu Filho pendia na Cruz e os Apóstolos abandonaram a fé em sua divindade pela fraqueza da carne. Apenas Ela permaneceu na integridade da fé e, por isso, ao obter a vitória pela firmeza da fé, diz-se que tenha recebido uma coroa de doze estrelas. Ela, de fato, é a mulher revestida do Sol de Justiça, o qual foi por Ela mesma revestido de sua carne, e tem a lua sob seus pés, isto é, a mutabilidade da Criação. E como na Paixão do Filho apenas Ela perseverou na firmeza da fé, diz-se que foi coroada com doze esplendores, ou seja, os doze artigos da fé, como se fossem doze estrelas (cf. Ap 12, 1).

Mas porque todas as virtudes presentes numa mesma pessoa são iguais,⁷ segue-se que Ela foi a mais prudente de todas, bem como a mais forte, a mais temperante e a mais justa. Aparece evidente também, por todas as outras circunstâncias que dizem respeito à Virgem, que, nessas virtudes, Ela supera quem quer que seja. Quando o seu Filho padecia na Cruz, um gládio de dor

7) Cf. AGOSTINHO, Santo. *De Trinitate*, VI, 4, 6.

de sua Paixão lhe transpassou a alma, e Ela, com perfeita compaixão, de certo modo sustentou as penas da Cruz e os opróbrios de seu Filho.

Tantas dores e tantas ameaças não dobravam o seu ânimo para a impaciência. Nem sequer considero discutível que haja alguém maior em fortaleza que a Bem-aventurada Virgem, que carregou as dores da compaixão durante a Paixão de seu Filho, cujas penas ninguém poderia serenamente suportar, enquanto outros, pela virtude da fortaleza, são pacientes nas tribulações, porque sabem que padecem pelo que justamente merecem, ou porque, pela misericórdia [divina], alcançarão um prêmio maior. Ela, pelo contrário, padecendo pelo seu Filho, sabia que a sua Paixão não era por Ele merecida, pois não merecia nenhum mal, nem sequer poder-Lhe-ia aumentar o prêmio. Por outro lado, qualquer um pode facilmente suportar um padecimento, seja por tê-lo merecido, seja para dele tirar vantagem. Como disse o poeta: “É lamentável o castigo que não se merece”.⁸

A Paixão de Cristo também foi incomparavelmente maior que a de qualquer outro, não somente porque a sua morte foi sumamente ultrajante, mas creio que também porque foi crudelíssima. Ele, de fato, entregou a sua alma quando seu corpo estava ainda são e tinha a plenitude do calor vital. Mas a separação da alma de um corpo sadio, no qual ainda há esse vigor do calor natural, é difícilíssima; porque é algo acima de toda capacidade humana. Ninguém, portanto, morre ou pode morrer enquanto persiste o calor natural no coração.

Logo, aquela separação da alma de Jesus Cristo de seu corpo são foi difícilíssima e sumamente contrária ao apetite natural da própria alma, a qual naturalmente deseja se unir ao corpo. Portanto, foi algo de uma crueldade máxima. Assim, uma vez que a Bem-aventurada Virgem, na sua compaixão, suportou de certo modo a Paixão e morte [do Filho], a sua própria dor superou a de todos e, portanto, a sua fortaleza supera a dos demais.

Também a sua temperança supera a dos outros homens. De fato, os demais temperantes freiam as concupiscências da carne. Ela, por sua vez, depois da concepção de Cristo, não precisava frear as concupiscências, porque não as tinha absolutamente.

Destacava-se excelentemente na justiça, porque dava perfeitamente a cada criatura o que lhe era devido. Eis que ela nos concedeu o Salvador do mundo, gerado da sua carne, por meio da qual restituiu a todas as criaturas a sua anti-ga dignidade.

8) OVÍDIO, *Heroides*, V, 8 (in: ed. Heinrich Dörrie. *P. Ovidii Nasonis Epistulae Heroidum*. Berlin: Walter de Gruyter, 1971, p. 83).